

do grau em que a agressividade está subordinada ao desenvolvimento dos instintos vitais. O último compreende a luta contra a força e a destruição. Nestes termos, há uma diferença (que não é só legal, nem tampouco uma diferença da lei internacional) entre agressividade defensiva e agressividade ofensiva em defesa da dominação global e da expansão.

(Traduzido da revista *Ciencias Políticas y Sociales*, n.º 43/44, janeiro-março/abril-junho, 1966, por Anamaria de Vasconcellos)

# Geografia e Estrutura da Indústria Contemporânea

---

Ignácio M. Rangel

---

*Ignácio Rangel nasceu no Maranhão em 1914. Formado em Direito e provisionado em Economia. Regente da Carteira de Economia do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). Publicou os seguintes livros: Dualidade Básica da Economia Brasileira, Introdução ao Estudo do Desenvolvimento Econômico Brasileiro, Elementos de Economia do Projetamento, Recursos Ociosos, A Questão Agrária Brasileira e A Inflação Brasileira.*

---

Ao TERMINAR a II Guerra Mundial, era universalmente aceito, como fato que prescindia de demonstração, que seriam necessários decênios de duro labor para reconstruir o que havia sido destruído — particularmente nos países da Europa Oriental, os quais haviam suportado o peso principal do conflito. É possível que alguns espíritos singularmente lúcidos pudessem provar que as coisas não se passariam assim e que, como de fato viria a ocorrer, em 1967 —

menos de um quartel de século depois do fim do conflito — a produção industrial do mundo seria mais de cinco vezes maior que a de 1938; mais ainda, que a produção industrial do atual mundo socialista, que havia experimentado as maiores destruições, seria mais de dez vezes maior. Entretanto, nem mesmo os mais atrevidos se abalçaram a prever tal futuro.

Segundo os dados coligidos pelas Nações Unidas, a produção industrial do mundo capitalista foi, em 1966, mais de quatro vezes maior que a de 1938. (O resultado seria, por certo, menos brilhante, se tomássemos como termo de referência outro ano, que não 1938, o pior do último lustro de pré-guerra, mas, ainda assim, revelaria uma expansão de mais de 3,5 vezes). Ora, como prever tão brilhante resultado, quando, em todo o decênio que precedeu a II Guerra Mundial, a indústria do mundo capitalista nem sempre conseguiu manter os níveis alcançados em 1929, ano do início da Grande Depressão?

Por certo, no mundo socialista, extrapolando, algo arbitrariamente, os resultados dos primeiros planos quinquenais soviéticos, poderíamos vislumbrar a expansão observada nessa área da economia mundial. Mas, pelo menos entre nós, não seriam numerosas, as “pessoas bem informadas” que se prontificassem a dar crédito a tais “fábulas”.

Não obstante, o conto de fadas se fêz vida e, o que é mais digno de nota, não somente no campo socialista. Considerando que o nível de desenvolvimento dos países capitalistas “industrializados” era muito mais alto que o dos países socialistas, mesmo que tomássemos, dentre estes, somente os mais desenvolvidos, não há como não reconhecer que estava equivocada a noção corrente então, de que o capitalismo havia esgotado sua capacidade de desenvolvimento — noção postulada categóricamente por certos círculos, mesmo em anos recentes e, quem sabe, ainda hoje.

Em resumo, é tempo de revermos certas noções firmadas no após-guerra imediato, baseadas na pura extrapolação da experiência do pré-guerra, e de buscar, ao contrário da teimosa recusa em reconhecer os fatos, explicação para esses mesmos fatos, com vistas à construção de uma perspectiva mais científica e sensata, para o futuro imediato.

Por outro lado, por tanto tempo a expectativa de um colapso da economia capitalista frustrou-se, que não seria de surpreender que uma depressão, sobrevinda em futuro próximo, fôsse total surpresa, para amigos e inimigos. Entrementes, ponhamos de parte o que pode acontecer, para examinar o que de fato aconteceu.

## PAÍSES “INDUSTRIALIZADOS” E “NÃO INDUSTRIALIZADOS”

Antes de buscarmos explicar o fato do prodigioso desenvolvimento do após-guerra, tentemos apresentar sinteticamente esse mesmo fato. Não estafaremos o leitor com a explicação da metodologia e com a enumeração das fontes dos dados reunidos nos quadros que se seguem. A fonte principal são as publicações estatísticas das Nações Unidas — as mais ordenadas e completas jamais coligidas, em toda a história da ciência econômica — suplementadas, quando as diferenças metodológicas não o desaconselhavam, por estatísticas oficiais dos países socialistas.

Em primeiro lugar, limitaremos nossa documentação aos chamados *países industrializados* dos dois campos. Embora, pela primeira vez, a civilização se esteja tornando realmente *universal* e, em certo sentido, seja lícito afirmar que mesmo os caçadores de cabeças que acaso ainda existam, na Amazônia, na África ou na Nova Guiné, são mais civilizados que os parisienses do tempo de Vitor Hugo, porque, de algum modo, participam dessa civilização finalmente *humana*, a industrialização, no sentido que procuraremos apreciar aqui, é, por ora, um fenômeno limitado a uma parcela relativamente pequena da humanidade. Precisemos, portanto, o conceito de mundo desenvolvido ou industrializado, tomando por base o critério da população:

### MUNDO INDUSTRIALIZADO

Todo o Mundo (milhões de hab.)	1938	2.166		
” ” ”	1966	3.356	100,00	
I — Mundo Subindustrializado	1966	2.361	70,34	
II — ” Industrializado	1966	995	29,66	100,00
1) América do Norte	1966	217	6,46	21,78
2) Europa Ocidental	1966	346	10,30	34,74
3) ” Oriental & URSS	1966	334	9,95	33,54
4) Japão	1966	99	2,95	9,94

Embora fôsse possível encontrar, fora dessas áreas, algumas “ilhas” de industrialização — a exemplo da Austrália, da Nova Zelândia, da Coréia do Norte — e, dentro delas, áreas ou “ilhas” de subdesenvolvimento, a documentação estatística que compulsamos não bastava para tal diferenciação. O quadro supra dá-nos uma visão dos grandes “continentes” desenvolvidos, segundo os critérios contemporâneos, por contraste com um “resto do mundo” ainda subdesenvol-

vido, embora pejado de desenvolvimento potencial e apresentando algumas "ilhas de desenvolvimento", como podemos notar mesmo em nosso país, contrapondo S. Paulo e Guanabara com o resto do Brasil.

É nosso parecer, que adiante será precisado, que a parte desenvolvida do mundo está completando *um ciclo*, findo o qual, pelo menos como possibilidade, podemos antever uma crise econômica capaz de conduzir a uma espécie de *metástase*, isto é, de brusco *contágio* do processo de desenvolvimento a vastas áreas do resto do mundo, senão a todo êle. Daí a importância, para os países subdesenvolvidos como o Brasil, do entendimento do que ora ocorre na área desenvolvida do mundo. Por ora, entretanto, basta que precisemos que os 30 por cento de "desenvolvidos" respondem por cerca de 88 por cento da produção industrial do mundo, contra os 12 por cento que cabem aos restantes 70 por cento. Uma produção industrial *per capita* da ordem de 17 vezes maior — diferença que poderia crescer grandemente, se, dentre os desenvolvidos, isolássemos os mais desenvolvidos, e, dentre os subdesenvolvidos, os mais subdesenvolvidos. Por exemplo, se contrapússemos a América do Norte à África.

Renunciaremos, liminarmente, a usar agregados mais exaustivos, como o Produto ou a Renda sociais, ao invés da Produção Industrial (no critério usado pelas Nações Unidas, que abarca toda a produção material, exceto a agricultura. Todas as tentativas de usar aqueles agregados esbarram em dificuldades insolúveis, por enquanto, à vista das mudanças da conceituação dos serviços, impostas, não somente pelo enquadramento institucional, em cada país (ou região) como pelo próprio desenvolvimento. Isto não quer dizer que consideremos a produção industrial o melhor padrão de medida. O crescimento dessa produção tende a exagerar o movimento, principalmente na medida em que torna contabilizáveis "agregações de valor" que antes não o eram, mas não é nosso objetivo quebrar essa dura noz da ciência econômica contemporânea, e sim facultar uma visão do desempenho da economia mundial.

#### OS RITMOS DE CRESCIMENTO DO MUNDO INDUSTRIALIZADO

Os "continentes" que compõem o mundo industrializado estiveram, desde o pré-guerra, evoluindo a taxas diferentes, como se pode ver pelos índices reunidos no quadro que se segue:

#### MUNDO INDUSTRIALIZADO

	1948	1953	Índices: 1938 = 100		
			1958	1963	1966
Mundo industrializado	143	219	275	396	492
M. Ind. Capitalista	144	202	232	316	391
1) América do Norte	206	277	286	380	477
2) Europa Ocidental	98	142	189	255	300
3) Japão	48	117	192	210	553
M. Ind. Socialista	140	306	494	800	1.003
1) Europa Oriental	126	265	395	628	788
2) União Soviética	147	328	547	892	1.117

Talvez conviesse abrir aqui um breve parêntese para traçar um paralelo entre as duas principais potências dos nossos dias: os Estados Unidos (aqui englobados, com o Canadá, na "América do Norte") e a União Soviética. Esses países não são apenas as duas "maiores" potências industriais do mundo. São *qualitativamente* diferentes de todas as demais, visto como são sedes dos dois únicos fulcros *completos* de elaboração de nova tecnologia, em torno dos quais todo o esforço científico tecnológico do mundo se ordena.

Assim sendo, a competição em que estão empenhados os "mundos" capitalista (ou de "economia de mercado") socialista (ou de "economia centralmente planejada") é, em grande parte, competição entre essas duas grandes potências. Isto nos permitirá compor um quadro mais completo e que evite os anos não representativos (para os Estados Unidos) de 1938 e 1958, substituindo-os por médias trienais.

#### PRODUÇÃO INDUSTRIAL

	1937-9	1947-9	1928 = 100	
			1957-9	1967*
EUA	105	190	279	440
URSS	507	759	2.796	6.137

Estes quadros permitem pôr em relêvo dois fatos de importância mundial: em primeiro lugar, os altos ritmos relativos de expansão industrial da União Soviética parecem ser, não um fenômeno peculiar ao socialismo, mas um exemplo da metástase a que já nos referimos, assunto ao qual tornaremos; em segundo, parece haver certa tendência a uma espécie de gangorra entre as duas economias: quando uma se acelera, a outra se desacelera. Isto se evidenciará comparando as taxas anuais de crescimento nos períodos indicados:

\* Jan.-nov.

TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO (% A.A.)

	1937-9 /1928	1947-9 /1937-9	1957-9 /1947-9	1967 /1957-9	1967 /1928
EUA (a)	0,5	6,0	3,8	5,2	3,9
URSS (b)	18,0	4,1	14,0	9,2	11,5
b/a	36	0,67	3,6	1,8	3,0

A GEOGRAFIA INDUSTRIAL DO MUNDO DESENVOLVIDO

Em consequência da diferença de ritmos, modificou-se a distribuição do potencial industrial no interior do mundo desenvolvido. No primeiro decênio (1938-48) em favor da América do Norte, cuja economia não experimentou destruições, durante a guerra e, ao contrário, foi grandemente estimulada por esta; posteriormente em favor de outras áreas, especialmente do mundo socialista e do Japão. Quanto à Europa Ocidental, não conseguiu recuperar a primazia perdida durante o conflito. Com efeito:

MUNDO INDUSTRIALIZADO

	Produção Industrial						
	Pesos: M. Industrializado = 100						
	1938*	1948	1953	1958	1963	1966	1967**
<i>M. Ind. Capitalista</i>	84,3	84,0	77,1	71,2	66,8	66,3	64,6
1) A. Norte	40,1	53,5	47,7	40,0	35,8	36,2	35,2
2) E. Ocidental	39,0	28,6	27,4	28,3	27,0	25,6	24,3
3) Japão	5,2	1,9	2,1	2,9	4,1	4,5	5,1
<i>M. Ind. Socialista</i>	15,7	16,0	22,9	28,8	33,2	33,7	35,4
1) E. Oriental	5,5	5,0	6,9	8,0	9,1	9,2	9,4
2) U. Soviética	10,2	11,0	16,0	20,8	24,1	24,5	26,0

Estes, em forma mais sintética, os fatos que refletem as mais drásticas mudanças observadas na geografia industrial do mundo, em lapso comparável de tempo, em qualquer época. Nada, pelo menos

\* O índice relativo à América do Norte que corresponde ao ano de 1938, foi corrigido pelo quociente do índice trienal médio dos *Estados Unidos*, pelo índice de 1938, do mesmo país. Este último ano não é representativo do nível da economia dos Estados Unidos e, por extensão, da América do Norte, no pré-guerra.

\*\* Jan.-set.

fora do mundo socialista, parecia prenunciar tal evolução, ao juízo da época. Em particular, nos Estados Unidos, onde a ação da depressão econômica mundial se havia feito sentir de modo mais marcado, somente em 1939, já sob o influxo da guerra, a produção industrial voltava a aproximar-se do nível de 1929 (98, para 1929 = 100)\*, depois de todo um decênio de erráticas flutuações, cujos níveis extremos foram 53, em 1931, e 104, em 1937.

Na Europa Ocidental, com menor intensidade, é certo, o quadro era o mesmo, refletindo uma economia que só pela guerra pôde ser despertada do seu letargo. Por um raciocínio que, hoje, percebemos ter sido demasiado simplista, acreditava-se que, cessando a guerra, cessaria também o impulso, precipitando-se novamente a economia capitalista na depressão.

A PROSPERIDADE E A GUERRA

Que tenha sido a Grande Depressão mundial encerrada pela guerra e pela sua precondição essencial, isto é, o armamentismo, não pode haver dúvida. Entretanto, nem sempre é claro o nexó entre êsses dois fenômenos — a guerra e a conjuntura econômica —. Ora, no fato de não ser claramente visível êsse nexó, reside um perigo mortal para a humanidade, visto como nações, e até grupos inteiros de nações, podem tirar a falsa inferência de que a guerra é antídoto miraculoso e universal para a depressão econômica.

Para nações como as do continente americano — muito especialmente, para os Estados Unidos — que, da guerra, somente conheceram o aspecto externo e brilhante, foi um grande progresso a percepção de que, qualquer que seja a relação existente entre a guerra e a prosperidade, essa correlação não é direta. Com efeito, o país que mais prosperidade experimentou na quadra guerreira — os Estados Unidos — fez afinal, muito pouca guerra, embora tenha feito muito *armamentismo*. Êsse armamentismo continuou a ser usado abundantemente, no após-guerra, como antídoto contra a depressão, sempre que esta ameaçava chegar.

Não obstante, o armamentismo não é um fato apenas econômico, que possa ser apreciado somente pelos seus efeitos econômicos. Está carregado de conseqüências políticas e, especialmente, como é natural, *militares*. Convém não esquecer que o armamentismo, se feito por motivos essencialmente econômicos, pode não se justificar, e até mesmo ser *contra-indicado*, não somente sob o ponto de vista

\* Federal Reserve Bulletin.

político, mas também, o que é mais importante, sob o ponto de vista militar.

O armamentismo, como meio de converter potencial econômico em potencial militar, para ser eficaz, deve ser oportuno e qualitativamente adequado. Com efeito, o potencial econômico moderno, para ser mobilizado eficazmente, deve conduzir à *produção em série* do equipamento de guerra. A produção em série, por sua vez, deve ser preparada com certa antecedência, não raro de vários anos, o que quer dizer que a potência que se lança ao armamentismo deve ter modelos que ofereçam a expectativa de que continuarão a ser modernos e eficazes ao tempo do seu emprêgo futuro, num eventual conflito. *Se êsse conflito não ocorre*, todo o material tende, em prazos brevíssimos, a converter-se em pura sucata — uma sucata “nova” e reluzente, mas sucata, ainda assim.

Noutros termos, o país que abusa do armamentismo como panacéia contra suas flutuações conjunturais, pode ter que escolher entre a ruína financeira, decorrente da produção em massa de *sucata*, e ter que passar do armamentismo à própria guerra, mesmo que as condições políticas, militares e outras não lhe sejam das mais propícias.

Mas êstes são problemas que sòmente a nossa época incumbe abordar e resolver, porque sòmente agora estão amadurecendo as condições para isso. O armamentismo de *inspiração econômica*, cuja filosofia, em sua forma mais generalizada e condensada, vamos encontrar na doutrina de Keynes, *tem sido* — antes, durante e depois da guerra — um efficacíssimo instrumento de ação anticíclica. Isso não quer dizer que deva continuar a sê-lo sempre, nem, muito menos, que tal armamentismo seja o melhor caminho para a *vitória militar*. Ao contrário, como todo instrumento, o armamentismo de inspiração econômica tende a embotar-se com o uso e, para ser eficaz militarmente, o armamentismo deve ter motivação *militar*, *não econômica*, ou qualquer outra.

Deixemos, porém, aos militares, a discussão dos seus problemas. O armamentismo e a guerra, aqui, não nos interessam senão pelas suas implicações econômicas, isto é, como meio de ajudar a explicação do prodigioso desenvolvimento econômico do após-guerra — especialmente no mundo capitalista, cujos corifeus mais entusiastas não se animavam a prevê-lo, há vinte, ou mesmo há dez anos, quando, em 1958, teve lugar o mais grave recesso econômico do após-guerra.

O desenvolvimento econômico pode ser definido de vários modos, inclusive, como resultado da expansão das forças produtivas, por efeito da aplicação de *nova tecnologia*. Ora, como a tecnologia, para ter sentido econômico, deve cristalizar-se em instalações produtivas, as quais, por sua vez, resultam de *investimentos* ou *imobilizações* de recursos, estabelece-se uma relação *indireta* entre o desenvolvimento econômico e os investimentos. Para sermos mais precisos, devemos dizer que o desenvolvimento econômico se relaciona com os *investimentos portadores de nova e mais avançada tecnologia*. Compreende-se facilmente que um investimento que não resulte em elevação do padrão tecnológico *médio* do sistema econômico não pode resultar em desenvolvimento econômico, salvo, naturalmente, no caso de subemprêgo.

Se observamos uma economia em desenvolvimento — como o são, em maior ou menor medida, tôdas as economias contemporâneas — notaremos o surgimento de instalações produtivas de concepção nova, ou a proliferação de instalações dos modelos mais avançados introduzidos no período anterior. Outrora, o lapso de tempo decorrido entre a *descoberta científica* (e a *invenção técnica* baseada naquela descoberta), de um lado, e a aplicação prática daquela invenção, isto é, a *inovação tecnológica*, costumava ser longo. Pode-se dizer, por exemplo, que a indústria que chegou à Grande Depressão econômica de 1929, mesmo nos Estados Unidos, o país mais desenvolvido, comportava poucas aplicações das descobertas científicas dêste século. De então para cá, essa defasagem tem diminuído consideravelmente, ao mesmo tempo que se aceleram os progressos da ciência e da técnica. Não obstante, êsse ritmo já era rápido, no decênio que precedeu a II Guerra Mundial e mesmo no decênio que precedeu a Grande Depressão.

Se admitimos, só para maior clareza, a defasagem de um decênio entre o amadurecimento de uma técnica nova e o surgimento de instalações produtivas de significação econômica maior que a das simples plantas-pilôto, podemos dizer que a *novíssima* indústria construída nos países mais avançados nos anos febris que antecederam a Grande Depressão, *parte da qual nunca chegaria a ser utilizada*, cristalizava uma tecnologia já velha de um decênio. Noutros termos, nada, ou muito pouca coisa, do que se havia criado no decênio dos anos 20, fôra utilizado, visto como, pela ordem natural das coisas, deveria cristalizar-se nas inovações tecnológicas resultantes dos inves-

timentos do decênio seguinte — isto é, do decênio da Grande Depressão —.

Entretanto, tomando por base os Estados Unidos, então, não somente o país de maior potencial econômico, mais, também, o pioneiro da tecnologia de vanguarda em todo o mundo, a capacidade produtiva da indústria permaneceria gravemente subutilizada durante todo o decênio. Basta considerar que, naquele país, nos anos 30 (1930-39), o índice médio da produção da indústria de transformação foi de 77 por cento do de 1929; que, no tocante à produção de bens duráveis (as máquinas são bens duráveis), o índice médio de produção foi de 66%; finalmente, que a produção da indústria de construção operou ao nível de 39 por cento do de 1928 (visto como, para esse ramo, o ano de 1929 já fôra um ano de depressão).\*

Compreende-se que, nessas condições, quando a economia não chega a utilizar o potencial produtivo já criado, os estímulos à introdução de nova tecnologia ampliadora de capacidade sejam mínimos, isto é, que as inovações maduras para a aplicação, com raras exceções — e estas geralmente as de interesse militar — tenham permanecido engavetadas.

Por certo, nessa mesma época, havia um país que estava usando, até o limite praticável, em suas condições concretas, o potencial produtivo já criado, e que, concomitantemente, expandia sua produção industrial ao ritmo anual médio de 18 por cento (1928-40), mas não é menos verdade que esse país, a União Soviética, pouca contribuição podia dar para a elevação dos padrões tecnológicos mundiais. Seu esforço resumia-se, essencialmente, em absorver aceleradamente a tecnologia já difundida no Ocidente — vale dizer, aplicar os padrões vigentes, no essencial, em 1929, ou mesmo mais antiquados ainda —.

Finalmente, devemos considerar que os anos de guerra, embora tenham contribuído muitíssimo para *divulgar* as inovações engavetadas no decênio anterior e, eventualmente, para dar um vigoroso impulso à pesquisa nova, pouco podiam fazer para modernizar o parque produtivo existente. Ao contrário grande parte do parque preexistente, especialmente na Europa, foi arrasado.

#### ESTADO DE COISAS NO APÓS-GUERRA IMEDIATO

Chegávamos, assim, ao após-guerra imediato, numa situação paradoxal: por um lado, tornara-se acessível — e este foi um dos efei-

\* Federal Reserve Bulletin.

tos mais importantes do conflito — a tecnologia que estivera amadurecendo nos anos da depressão e nos próprios anos de guerra; por outro, a capacidade produtiva (pelo menos na Europa e no Japão) havia declinado consideravelmente, por efeito das destruições físicas. Era mister, portanto, *pela primeira vez, desde 1929*, criar capacidade produtiva nova, e, como era natural, essa nova capacidade produtiva não seria mera reprodução, em papel carbono, do que a guerra destruíra.

As novas instalações aproveitariam, inevitavelmente, as inovações já amadurecidas, consubstanciadoras de uma produtividade do trabalho imensamente maior do que a representada pelas instalações destruídas. Não somente havia 15 anos adicionais de sedimentação tecnológica, como os prazos de amadurecimento da tecnologia haviam encurtado consideravelmente. Em resumo, entre as instalações destruídas e as que deveriam substituí-las interpunham-se, provavelmente pelo menos *20 anos de progressos técnicos e científicos* — progressos mais acelerados que os de qualquer período da história pré-terita.

Essa necessidade imperativa de reconstruir — inovando tecnologicamente, de passagem — não era, por certo, *pelo menos no início*, geral a todos os países desenvolvidos. Por exemplo, a produção siderúrgica norte-americana de 1946 não utilizava sequer o potencial produtivo recenseado para 1929 — 17 anos antes — e apenas usava 2/3 da capacidade registrada para aquêle mesmo ano. Não obstante, uma vez efetivada a inovação tecnológica, onde quer que isso ocorra, as instalações produtivas preexistentes, embora estejam fisicamente intactas, ficam depreciadas, vale dizer, reduzidas virtualmente a sucata, exatamente como se houvessem sido alcançadas por um bombardeio. Noutros termos, uma vez iniciada a reconstrução, nas bases da nova tecnologia, a renovação tenderia, inevitavelmente, a estender-se a todo o conjunto de instalações produtivas, a não apenas às destruídas.

Foi esta a essência da prosperidade do após-guerra. Noutros termos, os investimentos iniciais, de simples reconstrução do que fôra destruído, neste ou naquele país, nesta ou naquela indústria, precipitam-se como avalanche, desencadeando um movimento de geral renovação tecnológica, de tôdas as atividades, de todos os países desenvolvidos. Considerando que o aumento dos investimentos determina, nas condições do capitalismo, uma expansão concomitante do

consumo — vale dizer, de toda a demanda global, por ambas as suas parcelas constitutivas — a primeira vaga de investimentos, localizando-se nesta ou naquela atividade específica, mais tocada de destruição física ou “moral”, isto é, de obsolescência, propaga-se a todo o sistema.

Isso não quer dizer que a guerra tenha cedido o passo diretamente à prosperidade. Ao contrário, nos Estados Unidos, a chamada crise de reconversão trouxe, em 1946, a produção industrial a um nível de aproximadamente 74 por cento do índice médio do quadriênio de guerra (1942-45), confirmando, aparentemente, os piores prognósticos, porque a atividade econômica se desacelerava, precisamente quando as forças armadas devolviam ao mercado de trabalho milhões de homens e mulheres. O declínio foi ainda mais acentuado no campo da produção de bens duráveis (60 por cento do nível médio dos anos de guerra). Todo o primeiro quinquênio do pós-guerra foi difícil, para os Estados Unidos, não tendo o nível médio da produção industrial do tempo de guerra sido alcançado senão em 1951 (1953, no que concerne aos bens duráveis), já sob o influxo da guerra da Coreia.

Não obstante, as condições para o surto de prosperidade já estavam implícitas na problemática geral do pós-guerra imediato. Não era possível prever a intensidade e duração do movimento, mesmo porque só agora dispomos de informação estatística econômica razoavelmente fidedigna e completa. Assim se explica que, *apesar* — e, até certo ponto, *por causa* — da guerra, a produção industrial do mundo capitalista estava fadada a chegar aos nossos dias (1966-1967) em nível cerca de quatro vezes mais alto que o de 1938.

Quanto ao mundo socialista, que emergiu ampliado do conflito, beneficiou-se também, grandemente, do fato já aludido, de que, embora sem nenhuma intencionalidade, a guerra pôs em circulação a nova tecnologia que o Ocidente capitalista havia elaborado e tentado, por tantos anos, engavetar. Por esse motivo, tampouco no mundo socialista a reconstrução foi um simples movimento de reposição do que havia sido desfeito. O novo “modelo” econômico que os planos socialistas deveriam subsequenteiramente encarnar, por aproximações sucessivas, não podia deixar de refletir as virtualidades da nova tecnologia — tanto da já disponível em 1946, como da que iria amadurecer subsequenteiramente, pela ordem natural das coisas.

## O “MODELO” DO DESENVOLVIMENTO DO APÓS-GUERRA

O reerguimento dos países capitalistas desenvolvidos não resultou da aplicação de qualquer plano ou esquema de longo prazo. Inversamente, a atividade do mundo socialista era toda subordinada a uma visão determinada do futuro, se bem que dela somente se pudessem perceber as grandes linhas. Essa visão inspirava um planejamento de curto prazo conducente ao desenvolvimento prioritário do *setor de bens de produção* — até certo ponto identificável com a *indústria pesada*, especialmente com o centro de gravidade desta: a *metalurgia* —.

Entretanto, o que mais surpreende no desenvolvimento econômico do pós-guerra é que, fôsse ou não essa a intenção, *de um e outro lados* da “cortina de ferro”, tudo se passou como se o processo econômico estivesse subordinado a um mesmo *plano mestre*, inspirado na decisiva prioridade concedida à indústria pesada. Essa prioridade foi tanto mais marcada quanto mais altos fôssem os ritmos. Pelo menos no período coberto, e observando apenas o comportamento dos grandes agregados (indústria leve e indústria pesada; metalurgia de base e metalurgia de transformação; indústria química, energética, mineração etc.) não foi possível distinguir nenhuma diferença qualitativa no comportamento dos dois grupos de economias nacionais: capitalistas e socialistas.

De parte a parte a reconstrução tecnológica do sistema começa pela prioridade concedida à indústria pesada; por sua vez, a reativação da indústria pesada começa pela metalurgia de base, propagando-se depois aos diversos ramos da metalurgia de transformação, para chegar, em anos mais recentes, à indústria química. Obviamente, essa “ordem” não resulta das preferências de quem quer que seja, mas do jôgo de *leis técnicas objetivas de balanço*. Uma vez pôsto em marcha o desenvolvimento, essas leis fazem sentir o seu império. Se diferença de comportamento há, elas devem ser pesquisadas noutros níveis, isto é, *acima e abaixo*. Acima, quer dizer, no nível das decisões políticas fundamentais que condicionam o desenvolvimento como um todo, e o seu ritmo; abaixo, quer dizer, no nível de decisões que concernem ao comportamento de subgrupos menores de atividades e até de simples empresas individuais.

Para exemplificar essa ação das leis técnicas de balanço, por cima das preferências e dos preconceitos dos dirigentes, vejamos como evoluíram os pesos relativos das indústrias leve e pesada do mundo capitalista e do mundo socialista entre 1955 e 1966:

ESTRUTURA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO  
Tôda a Ind. de Transformação = 100

	Mundo Capitalista		Mundo Socialista	
	Leve	Pesada	Leve	Pesada
1955	39,8	60,2	44,0	56,0
1960	38,0	62,0	37,4	62,6
1965	35,3	64,7	30,1	69,9
1966	34,7	65,3	29,0	71,0
1967 (jan.-set.)	34,0	66,0	—	—

Em resumo, em ambos os campos, declina continuamente o pêso relativo da indústria leve, em proveito da indústria pesada, na composição da indústria de transformação. Esse movimento é mais enérgico no grupo de países socialistas, do que no mundo capitalista mas a direção geral é a mesma. É interessante notar, ainda, que em 1955, precisamente, como parte do movimento de “desestalinização”, tinha lugar, no mundo socialista, pelo menos ao que foi anunciado, um movimento tendente a reabilitar o setor de bens de consumo — e sua medula, a indústria leve —. Longe estaríamos nós, portanto, de prever uma evolução como a indicada tendente a elevar a indústria pesada a alturas antes não alcançadas. (Cumpre observar, aliás, que por perder pêso a cada ano que passa, na composição da indústria de transformação, nem porisso a indústria leve socialista desenvolve-se menos que a indústria pesada capitalista — 82 e 61 por cento, respectivamente).

Em resumo, uma vez decidido o ritmo do desenvolvimento, o sistema econômico passa a mover-se de acôrdo com suas leis internas de balanço e, no período coberto, a prioridade para a indústria pesada se impôs como imperativo absoluto. Isto, entretanto, não nos autoriza a generalizar esse estado de coisas para tôdas as situações. Este é um dos problemas capitais do mundo hodierno, a saber: até quando poderá prevalecer a prioridade para a indústria de base.

#### PERSPECTIVAS DA EVOLUÇÃO SUBSEQÜENTE

Basta, com efeito, meditar sôbre os dados agrupados no quadro supra para perceber que tal movimento não poderá prosseguir indefinidamente. Embora a indústria pesada comporte atividades supridoras de bens de consumo — vale dizer, essencialmente, bens

duráveis de consumo — o que quer dizer que sua expansão prioritária poderá prosseguir mesmo se, ou quando, o setor de bens de produção estiver crescendo a ritmo menor que o de bens de consumo, não há dúvidas de que a demanda de bens duráveis, seja de produção, ou de consumo, tem seus limites, os quais não devem estar muito distantes, pelo menos nos países desenvolvidos.

A renovação tecnológica em curso, como é fácil de perceber, não pára no limiar da casa da família, cujas imobilizações por oposição às feitas pela empresa, ou pelo estado, não se contabilizam como investimentos, mas como despesas de consumo. Não somente as empresas e os serviços estatais estão recebendo nôvo equipamento, cristizador das inovações tecnológicas postas em prática no após-guerra. Também a família reequipa-se freneticamente, isto é, racionaliza-se, mecaniza-se, eletrifica-se, exatamente como se fôsse, não uma unidade de consumo, mas uma unidade de produção — ao modo da empresa ou dos serviços públicos —. O movimento que começou a acelerar-se com a máquina de costura, aprofundou-se com tôda a gama de “eletro-domésticos”, dos fogões e aquecedores a gás, dos equipamentos eletrônicos domésticos de comunicações, da bicicleta, do automóvel familiar etc.

Considerando que as imobilizações, ou investimentos *latu sensu*, implícitos nessa renovação tecnológica da casa de família, como aplicações financeiras desta, são relacionadas como despesas de consumo, perdemos, muitas vezes, de vista o fundo da questão, esquecendo que, embora em menor escala que em tempos passados, a família é uma unidade produtiva, se bem que seu produto seja quase todo destinado ao autoconsumo.

Do ponto de vista prático, para os fins que ora nos ocupam, o que importa é que o espantoso desenvolvimento da indústria pesada observado, no mundo socialista, como no mundo capitalista, tem por finalidade o multifacético reequipamento da economia, a começar pela empresa e a terminar pela casa de família, passando pelos serviços públicos, inclusive os de defesa nacional. Para isso, fazem falta metais, materiais de construção, materiais cada vez mais supridos pela síntese química, máquinas, serviços de infra-estrutura e, visto como, para expandir a metalurgia, a indústria de construção civil, a química de base, a produção de máquinas, os serviços de infra-estrutura, fazem falta os produtos dessas mesmas atividades, a demanda acastelou-se, como se fôsse infinita.

Noutros termos, o investimento na indústria pesada, como ato de criação de oferta, refluí violentamente sôbre si mesmo, passando a gerar demanda, antes de efetivada a oferta.

A característica fundamental dessa demanda é a alta *durabilidade* dos bens sobre os quais recai. Noutros termos: quer se trate das novas linhas automáticas necessárias às empresas; do equipamento produtor de energia necessário aos serviços públicos; dos navios ou das locomotivas elétricas ou diesel; ou ainda do fogão ou da geladeira comprados pela casa de família, como regra geral, senão em todos os casos, a procura, uma vez satisfeita, *não se renovará por muitos anos*.

Nessas condições, o ordenamento da economia com vistas a evitar o risco de um colapso deve subordinar-se a cuidadoso planejamento, por prazo inusitadamente longo. Entrementes, o quadro que se segue resumirá as principais mudanças observadas na geografia da indústria pesada, segundo os critérios das Nações Unidas, nos anos subseqüentes a 1953:

MUNDO INDUSTRIALIZADO  
M. Industrializado = 100

	Mundo Industrializ.	Mundo Socialista	América do Norte	Europa Ocidental	Japão
1953	100	20,3	52,1	25,9	1,8
1958	125	28,8	39,3	29,1	2,8
1960	156	30,3	37,7	27,6	3,1
1962	181	33,1	35,5	27,0	4,4
1964	213	34,0	34,6	26,4	5,0
1965	231	34,4	35,1	25,7	4,8
1966	252	34,8	35,6	24,6	5,0

#### DURABILIDADE E ESPECIALIZAÇÃO

A economia contemporânea não se distingue da que herdamos do século passado somente pela imensa importância adquirida pela indústria pesada — vale dizer, pela indústria supridora de bens duráveis de produção e de consumo, em franco processo de renovação tecnológica. Distingue-se, sobretudo, pela *especialização*, isto é, pelo grau de divisão do trabalho, não somente entre unidades econômicas, mas no interior de cada unidade. Foi-se o tempo em que, equipada com um material *básicamente universal*, a indústria pesada podia mudar com facilidade, isto é, em prazos pequenos e com prejuízos suportáveis, sua pauta de produção. Contemporaneamente, é a produção em série, isto é, altamente especializada, não só quanto ao equipamento empregado, mas, também, quanto à mão-de-obra usada, o

que tudo decide — na produção de bens de consumo, como na de bens de produção; na produção de paz, como na de guerra.

Ora, a especialização, com seu corolário de rigidez da estrutura da oferta, não apresenta maiores inconvenientes, quando se trata de suprir bens não duráveis, pois a magnitude do mercado, salvo no que concerne às flutuações cíclicas, pode, por assim dizer, ser computada a olho nu. Nessas condições, o superdimensionamento da capacidade produtiva faz sentir seus efeitos em prazo curto. Outro problema é o do dimensionamento do mercado de bens duráveis — particularmente se esses bens duráveis são equipamentos, considerando-se que o primeiro cliente da indústria de bens de equipamento é a própria indústria de bens de equipamento, *quando em fase de expansão*.

Não que o dimensionamento da demanda de bens duráveis apresente problemas tecnicamente insolúveis. Ao contrário, não é muito difícil calcular qual deve ser a produção anual de refrigeradores domésticos, de navios, de locomotivas, com razoável aproximação, conhecendo-se a durabilidade útil desse material e projetando-se a demanda total de longo prazo. O que é difícil é obrigar a economia a pautar-se pelos resultados de tais cálculos, pois isso pode exigir, no curto prazo, agudas desproporções entre a oferta e a procura específicas.

Assim, na ausência de um planejamento capaz de sobrepor-se às pressões imediatistas do mercado, a dupla ênfase em durabilidade e em especialização pode ser o caminho para o desastre. Com efeito, na incerteza quanto à demanda futura, caberia optar por um equipamento *universal*, comprometendo a produtividade do trabalho, ou por um equipamento *especial*, que assegurasse elevada produtividade ao trabalho, mas que corra o risco de ver-se reduzido a sucata, por falta de mercado para o produto específico para o suprimento do qual tenha sido concebido, diante da impossibilidade de modificar economicamente a pauta de produção.

Assinalamos, antes, que, no período de após-guerra, não pudemos encontrar divergências essenciais entre as economias socialistas e capitalistas, no que concerne à evolução dos pesos relativos das indústrias leve e pesada. Noutros termos, o planejamento, pelo menos até aqui, e visto ao primeiro exame, não teria feito presente a sua ação, senão no sentido de reforçar e, por assim dizer, homologar, os imperativos espontâneos da economia.

Tal conclusão, é claro, seria equivocada. Para compreender por que deveríamos descer ao exame da estrutura da indústria pesada que, afinal, não é uma atividade específica, mas um grupo cada vez mais subdividido e subespecializado, à medida que as tradicionais instalações do ramo, dotadas de equipamento universal e, por isso mesmo, capazes de ampla e flexível pauta de produção, cedem o passo a instalações especiais (inclusive de linhas automáticas inteiras, que supõem o grau mais elevado de especialização). Assim, seria mister estudar a evolução da indústria pesada, não tomando-a como uma atividade única, mas como um grupo cada vez mais diversificado de atividades .

As diferentes atividades agrupadas sob a rubrica geral de indústria pesada desenvolvem-se a ritmos diferentes, segundo uma ordem que o simples bom senso mostra não ser arbitrária. Disto, aliás, a experiência de desenvolvimento industrial no pós-guerra, de ambos os lados da "cortina de ferro", forneceu-nos prova concludente. Com efeito, embora virtualmente todos os subsectores da indústria pesada tendam a crescer paralelamente, quando o sistema económico, com a indústria pesada à frente, se põe em movimento, a ênfase, isto é, os ritmos de crescimento, não somente não são os mesmos, como tendem a mudar de tal maneira que, a cada momento, podemos indicar uma atividade ou grupo de atividades que lidera todo o sistema.

Pela ordem natural das coisas, o primeiro setor a *despertar* deveria ter sido — e o foi — a metalurgia de base, responsável pelo suprimento dos materiais essenciais a todo equipamento. Em segundo lugar, *desperta* a metalurgia de transformação, contagiando-se o movimento, a seguir, a outras atividades constitutivas da indústria pesada. O que importa reter é que essa sucessão, no tempo, sugere o desenvolvimento de um *processo em via de esgotar-se*.

Com efeito, a necessidade de metal conduziu à expansão da indústria de equipamento metalúrgico, feito o que, a capacidade produtiva adquiriu a possibilidade de expandir-se quase automaticamente, pela simples utilização da capacidade instalada na indústria de equipamento metalúrgico. Na segunda etapa, criada a indústria de equipamento para trabalhar o metal a ser suprido, em quantidades crescentes pela metalurgia de base, repete-se o mesmo fato, isto é, a metalurgia de transformação adquire a possibilidade de expandir-se sem ulterior expansão das indústrias supridoras de tornos, de forjas etc. Dada a *durabilidade* desses equipamentos, a metalurgia co-

mo um todo poderá crescer por muito tempo graças à acumulação da capacidade que se irá criando pela instalação dos equipamentos supridos por aquelas atividades.

Por exemplo, desde que uma economia nacional se equie para instalar adicionalmente, cada ano, capacidade siderúrgica de 1 milhão de toneladas de aço, considerando que o equipamento siderúrgico básico não terá, provavelmente, que renovar-se antes de 30 ou 40 anos, essa economia nacional ganhou implicitamente a possibilidade de, sem ulterior expansão da produção de equipamento siderúrgico, chegar à produção de 30 ou 40 milhões de toneladas de aço, por ano.

Generalizando, podemos dizer que, uma vez cumprida uma etapa, caracterizada pela rápida expansão de um dos grupos de atividades constitutivas da indústria pesada, são escassas as probabilidades de que seja mister, antes de passado muito tempo, refazer o que já ficou feito — excluindo, naturalmente, os casos mais raros de fulminante renovação da tecnologia dessas atividades, que condenariam todo o parque recém-criado, por obsolescência —. Esses progressos tecnológicos destrutivos, por sua violência, não são típicos senão de um ramo da produção, a saber, do suprimento de equipamento bélico. *Daí o papel especial reservado aos ramos da indústria pesada responsáveis pelo suprimento de material de guerra.* Este assunto mereceria discussão à parte, que este trabalho não comportaria.

Entretanto, é mister observar que a sucessão de ramos da indústria pesada passados pelo processo de renovação tecnológica já deve estar próximo de esgotar-se. Contemporaneamente, somente a indústria química e a supridora de material elétrico parecem sustentar ritmos realmente elevados de crescimento, pelo menos no mundo capitalista. Quanto ao mundo socialista, especialmente a União Soviética, a tendência é para uma interrupção precoce da expansão das diferentes atividades. O planeamento, mesmo sob forma tosca, permite limitar a desordem observada na expansão das atividades supridoras de bens duráveis, interrompendo essa expansão muito antes da saturação da demanda solvente.

Até há pouco, o planeamento socialista tinha como objetivo precipuo assegurar o desenvolvimento prioritário da indústria pesada, supridora essencial dos meios de produção. Não obstante, observando os movimentos da economia socialista — especialmente da mais integrada de todas, a soviética — notamos uma crescente preocupação do planejador em limitar essa expansão, tendo em vista a demanda total previsível para um lapso de tempo que pode cobrir decênios, e a durabilidade dos produtos.

O desenvolvimento prioritário da produção de bens de investimento — notadamente da indústria pesada, que supre bens de investimento no sentido estrito e no sentido lato — necessariamente deve ser acompanhado de uma distribuição do produto nacional consentâneo com êsse desenvolvimento; isto é, capaz de comportar uma “formação de capital” à altura da potência alcançada pelo suprimento de *bens de capital*.

Com efeito, em tôda a área desenvolvida do mundo assistimos, no após-guerra, a uma expansão enorme da parcela da renda nacional destinada à formação de capital. Como percentagem do produto bruto, a formação bruta de capital elevou-se incessantemente, alcançando seus máximos valores no Japão, na Itália e na Alemanha.

Convém notar que essa expansão da parcela da renda destinada à formação de capital não implicou, até agora, em contração do consumo. Êste sômente declinou em termos percentuais, isto é, relativos. Num período em que, por força da introdução de nova tecnologia, a produtividade do trabalho aumentava enèrgicamente, não havia por que comprimir o consumo, em termos absolutos, para expandir a inversão. *Temporariamente*, portanto, conciliava-se, sem maior esforço, o esquema de distribuição da renda com a estrutura da oferta resultante de um crescimento prioritário das atividades supridoras de bens de capital. A esta circunstância é que devemos atribuir a saúde sócio-política do mundo capitalista, no após-guerra.

Não obstante, a partir do momento em que, primeiro em comparação com a demanda provável de *longo prazo* e, a princípio esporadicamente, mas com tendência a generalizar-se, a oferta atual ou em perspectiva se revela excessiva, essa conciliação se irá tornando mais difícil. Noutros termos, o esquema de distribuição da renda continuará propício a uma crescente formação de capital, mas essa formação de capital carecerá de sentido, à vista da capacidade produtiva já criada, ou em via de sê-lo.

Êste, parece-nos, é o problema fundamental do momento. A identidade dos modelos de desenvolvimento que assinalamos, entre as economias capitalista e socialista, não poderá perdurar. Com efeito, enquanto, para o capitalismo, o desenvolvimento prioritário da indústria pesada continua como condição, não sômente para o crescimento geral, mas simplesmente como meio de evitar a depressão, o socialismo, num processo nem sempre idílico, busca novos esquemas de distribuição do produto incremental, a resultar da aplicação da nova tecnologia.

Compreende-se: o nível do salário — vale dizer, a magnitude da parcela da renda mais essencial na composição do fundo de consumo — não depende diretamente da produtividade do trabalho. O salário é o preço da fôrça de trabalho e, como o preço de qualquer outra mercadoria, depende das condições vigentes no mercado respectivo, isto é, no mercado de mão-de-obra. Ora, a elevação da produtividade do trabalho não pode senão implicar na liberação de mão-de-obra, concomitantemente com uma tendência ao estreitamento da demanda. Feitas as contas, isso significa que, à medida que nos aproximamos da conclusão do esforço de reequipamento do sistema econômico, a capacidade de barganha dos assalariados se irá tornando menor, no próprio momento em que se faria mister elevar o fundo de consumo, facultando um período de crescimento baseado na expansão prioritária da produção de bens de consumo.

Inversamente, os países socialistas anunciam mudanças em seus planos no sentido de aumentar, não apenas em termos absolutos, mas, também, em termos relativos, o fundo de consumo. Quer isso dizer que será possível reorientar o incremento da produção assegurando prioridade aos bens de consumo. Pelo menos foi anunciado que, no presente ano, *pela primeira vez*, o setor de bens de consumo deverá expandir-se a taxa superior à do setor de bens de produção. Esta mudança, a se verificar, significará que, finalmente, o preço da mão-de-obra tornou-se de fato independente das condições do mercado de trabalho, visto como o salário deverá elevar-se, não porque o mercado assim o exija, mas porque a estrutura da oferta social assim o impõe.

#### PERSPECTIVAS DE ULTERIOR DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

O ano de 1966 está sendo apontado, inclusive por muitas conservadoras publicações econômicas do Ocidente, como o divisor de águas entre um período de espontâneo e intenso desenvolvimento, e uma época em que, não sômente o desenvolvimento ulterior, mas a simples sustentação das posições alcançadas, ainda quando se considerem possíveis, deverão resultar de um esforço ordenado, que envolverá medida crescente de planejamento. De agora em diante o desenvolvimento deverá ser *buscado*.

Para a parcela desenvolvida do mundo capitalista, no critério usado neste trabalho e calcado nas informações das Nações Unidas, o incremento da produção industrial dos períodos janeiro-setembro de 1966 e 1967, comparativamente, não chegou a 2 por cento ao

ano, contra a média de 7,2 por cento ao ano (possivelmente sem precedentes) para o quinquênio 1960-66. Mesmo em casos excepcionalmente brilhantes, como o da Itália, onde o enérgico movimento ascensional perdura, há sintomas inquietantes, a exemplo do declínio, em *têrmos absolutos e relativos* da população ativa total. Até mesmo países socialistas, como a Iugoslávia, talvez por força de suas relações demasiado íntimas com o Ocidente, ressentem-se do estado geral de coisas: seu vigoroso crescimento industrial foi, na melhor hipótese, interrompido em 1967.

O Japão deve ser estudado como um caso à parte. Se bem que, desde antes da guerra, fôsse considerado como grande potência industrial, êsse país tinha uma economia em grande parte arcaica. Possivelmente, temos aqui um exemplo da *metástese* a que nos referimos no início deste trabalho: uma tecnologia desenvolvida essencialmente no estrangeiro, foi transplantada em prazo brevíssimo para o Japão, onde encontrou solo fecundo. Nenhum país capitalista de alguma importância revelou um exemplo de mais enérgico crescimento. Talvez precisamente a *ausência de resistências eficazes* aos novos métodos, às novas técnicas, tenha contribuído para isso. Ora, essas resistências seriam mais eficazes se o País tivesse uma estrutura menos arcaica, que comportasse vigorosos interesses estabelecidos na conservação de velhas técnicas, como, de fato, aconteceu aos Estados Unidos e, principalmente, à Inglaterra.

O desenvolvimento japonês representa um caso extremo do modelo de desenvolvimento que estivemos estudando neste trabalho. Em parte alguma, nem mesmo no mundo socialista, podemos encontrar uma prioridade tão firmemente aplicada, em favor da indústria pesada. Mesmo num período de aguda expansão industrial, registraram-se casos de estancamento — e até de eventual retrocesso — da produção da indústria leve. Quanto à taxa de formação de capital, elevou-se a alturas quase inconcebíveis, próximas dos 40 por cento do PNB.

Isto, creio eu, deve explicar-se como função da diferença entre a produtividade básica do trabalho, na economia japonêsa — para cujo nível, de algum modo, deve orientar-se a remuneração da mão-de-obra — e a produtividade do mesmo trabalho nos novos empreendimentos. Enquanto êsses novos empreendimentos, portadores de tecnologia de vanguarda, constituírem exceção, beneficiar-se-ão duplamente do atraso relativo do restante da economia: por um lado, o nível salarial será baixo, como já ficou indicado e, por outro, o mercado pagará pelos produtos da novel indústria preços que devem ser suficientes para cobrir os custos das atividades arcaicas pre-existentes.

O fato é que o prodigioso desenvolvimento industrial do Japão constitui um caso extremo de toda a expansão do mundo capitalista no após-guerra, e por isso mesmo, suscita inquietantes dúvidas, quanto ao seu futuro. Por exemplo: no período 1960-67, a siderurgia japonêsa estêve crescendo à taxa média de 18 por cento ao ano — taxa essa que, aplicada à presente produção, prenunciaria uma expansão, para o ano em curso, superior a 12 milhões de toneladas métricas —. Noutros têrmos, em 10 anos apenas, o Japão poderia — mesmo que o crescimento absoluto se congelasse nesse nível — instalar uma siderurgia igual à dos Estados Unidos, tomada esta pelo ano de maior produção, isto sem considerar a siderurgia já existente. Com esta, teríamos uma siderurgia correspondente a vez e meia a maior produção anual dos Estados Unidos. Quadro semelhante poderemos bosquejar com os dados relativos a numerosas outras indústrias pesadas, notadamente a construção naval. Esta, por exemplo, poderia, sem ulterior expansão, reconstruir, no prazo de duração útil de um navio, *tôda* a frota mercante mundial.

Nessas condições, dificilmente qualquer extrapolação faria sentido, mesmo para prazos relativamente curtos. Tem-se impressão de que a indústria pesada japonêsa persegue a própria sombra: quanto mais cresce, mais demanda cria para os seus próprios produtos, dando a ilusão de um mercado virtualmente infinito. Parece óbvio que um “basta!” deve ser oposto à indústria pesada japonêsa, pelo menos em têrmos de ulterior taxa de crescimento, mas, para que isso se possa fazer sem uma depressão catastrófica, outras *oportunidades de inversão* deverão ser abertas — tarefa que se está revelando uma noz dura de quebrar, mesmo para as economias socialistas.

#### A BUSCA DAS ALTERNATIVAS

A julgar pela evolução da economia soviética, da qual temos informações mais completas, o planejamento socialista, por aproximações sucessivas, contrariando, muitas vezes, as expectativas originais dos planejadores, tende a estabilizar o crescimento de certas indústrias em nível que somente assegurará a satisfação plena da demanda, em futuro mais ou menos distante. Por exemplo, no decênio 1956-66, enquanto a produção industrial total crescia 2,5 vezes, a produção de equipamento metalúrgico apenas cresceu 36 por cento. Movimento paralelo observa-se na produção de máquinas operatrizes, o que não impede que a metalurgia se expanda em função de 5-6 milhões de toneladas de aço por ano.

Geomêtricamente, isso quer dizer que a taxa de expansão da indústria pesada declinará, todos os anos, mesmo que o crescimento absoluto se mantenha aproximadamente constante. Noutros termos, a parcela de produtos da metalurgia necessária a assegurar o crescimento da própria metalurgia terá que manter-se constante ou crescer a ritmo menor que o da produção dessa indústria. Isto exige, portanto, a criação de novos *mercados* para os produtos da metalurgia e, por extensão, de toda a indústria pesada. Noutros termos, setor após setor, a economia deverá reequipar-se, pois nisso é que implica a criação de mercado para a indústria pesada.

Tôda a política econômica soviética anterior perseguia o objetivo de fazer com que cada empresa buscasse tirar o máximo proveito das instalações de que dispunha, sem sentir nenhuma pressa pelo próprio reequipamento. Para isso, o Estado adotava várias medidas, especialmente a fixação de preços de compra estabelecidos à base do custo de produção de *cada empresa*. Graças a isso, uma parcela enorme dos produtos supridos pela indústria pesada pôde ser retido por essa mesma indústria, para o seu próprio crescimento, ou para o equipamento das forças armadas. Criou-se, assim, o paradoxo de um país que mandava o homem ao Cosmos e emergia como o maior produtor de cimento do mundo, antes de substituir o ábaco por simples máquinas registradoras, em sua rede de comércio.

Ora, o congelamento da taxa absoluta de crescimento da indústria pesada, setor após setor, entraria em conflito, mais dia, menos dia, com esse estado de coisas. Este deixava as empresas em posição demasiado cômoda, visto como podiam — como em nossas incorporações *por administração* — transferir simplesmente os custos resultantes do arcaísmo tecnológico, para o Estado. Em consequência, ocorrendo isso num momento em que a indústria pesada dispõe de um excedente que cresce a cada ano, de bens de equipamento, portadores de tecnologia moderna, quer dizer que o progresso começa a encontrar insuspeitadas resistências arcaizantes — a remoção das quais, parece-nos, é a essência da reforma econômica em curso.

Ora, se isso ocorre numa economia socialista, onde ao Estado em princípio, cabe o privilégio da iniciativa da inovação tecnológica, que dizer das economias capitalistas, das quais o Japão é apenas um exemplo extremo?

Aquí, no Brasil, temos o exemplo de um estancamento econômico resultante do esgotamento das oportunidades de inversão abertas pela substituição de importações, antes que possamos criar o clima institucional e econômico necessário para a abertura de novas oportunidades de inversão, em atividades ainda arcaicas ou insufi-

cientemente desenvolvidas. — Que dizer de países com mais de 600 kg de aço por habitante, como o é o Japão?

O capitalismo tem, naturalmente, sua *saída tradicional* para esse problema, isto é: cada país, sentindo-se comprimido em seu próprio mercado, ao invés de tentar expandi-lo, redistribuindo a renda, com o fito de estimular a demanda de consumo e/ou de inversão, começa a sonhar com a conquista dos mercados dos outros países. Ora, no ato de preparar-se para isso, empreende o próprio rearmamento, com o resultado de uma solução temporária para o problema, não por via da conquista dos mercados externos, mas em consequência da expansão do mercado interno, decorrente da corrida armamentista.

O problema fundamental para a aplicação dessa solução está em que a ampliação do mercado interno pela via do armamentismo pressupõe uma *redistribuição da renda em favor do Estado*, condição nem sempre aceita de bom grado pelos “contribuintes” e pelos “pou-padores”, como o demonstra o atual exemplo norte-americano. Outras condições, que não cabe discutir aqui, devem ser atendidas, para que essa “alternativa” possa ser aplicada, mais uma vez.

Em todo caso, chegamos a uma encruzilhada, e não se creia que o desenvolvimento do após-guerra possa prosseguir indefinidamente, sem a dificultosa busca de saídas para o problema do esgotamento das oportunidades de inversão abertas pelo crescimento à base da decisiva prioridade concedida à indústria pesada.

#### E AGORA?

Todo esse desenvolvimento conduz, em última instância, à opção *de guerra ou paz*. Trata-se de saber se o mundo capitalista poderá ou não aplicar sua solução tradicional, representada pela busca, aparentemente tão óbvia, da transferência da própria crise, para os vizinhos. Esta, pela força do hábito, surgiria como a primeira, e *mais natural*, das alternativas. Mesmo entre nós há ideólogos que não se demoram em indagar se essa “solução” é viável — já não diremos eficaz —.

Não há como negar que, mesmo nos círculos mais representativos do capitalismo mundial, começa-se a admitir outras saídas. Em primeira linha surgem potências capitalistas que, por diversos motivos, não sentem nenhum atrativo pela “solução tradicional”. Afinal, o exercício do imperialismo converteu-se, em nossos dias, num esporte demasiado caro, fora do alcance de muitos países. Mas é

mister pensar também em certos círculos capitalistas dos poucos países que ainda se julgam capazes de exercício do jôgo do imperialismo, que começam a perceber que poucos benefícios poderiam esperar, em troca dos impostos e dos levantamentos mais ou menos compulsórios de capitais.

Nestas condições, realizou-se, em Nova Delhi, uma conferência econômica mundial que, embora esterilizada, em grande parte, por uma agenda demasiado carregada de proposições obviamente utópicas, representou um passo no sentido da busca da definição da problemática da GRANDE METÁSTASE — vale dizer de uma solução “não tradicional” para o problema do que fazer com o enorme poder de renovação tecnológica, representado pela indústria pesada já criada, ou em via de criar-se, nos países desenvolvidos.

Embora as primeiras formulações sejam utópicas, o objetivo final não o é. Afinal, alguma coisa há de significar o fato de países como a Itália e o Japão consentirem em programar vultosos investimentos para países — a começar pelos socialistas — sobre os quais não podem exercer nenhuma influência do gênero associado ordinariamente com o imperialismo.

Deverá isso renunciar o aparecimento de um capital financeiro pós-imperialista?

.....

Que o leitor nos perdoe, mas temos que por aqui um ponto final, antes de começarmos a alinhar pontos de interrogação às dúzias.

# Praxis, Razão e História

---

Adolfo Sanchez Vasquez

---

*Professor de história da Universidade do México. Autor dos seguintes livros: Filosofia da Praxis e As Idéias Estéticas de Marx, a serem publicados ainda este ano por Paz e Terra.*

---

## PRAXIS INTENCIONAL

○ CAPÍTULO anterior levou-nos a concluir pela impossibilidade de uma *praxis* cega, prática sem sujeito consciente e, portanto, sem um autor com o qual possamos colocá-la numa relação de causa e efeito. Trata-se de uma *praxis* opaca, isto é, de uma atividade cujos resultados não se ajustam a um modelo ideal de um sujeito ou de um conjunto dêles; ou seja, êstes não atuam coletivamente de acordo com um projeto ou objetivo comum de cuja elaboração e realização participassem conjugando causas e objetivos diversos. Convém assinalar que quando falamos aqui da *praxis* individual ou da *praxis* coletiva de um conjunto de indivíduos, temos sempre presente a individualidade impregnada da qualidade ou essência social que